

TOCHNIT: BITACHON

DATA: 1974 N^o: de PEULOT: 8

AUTOR: HANAGA ARTZIT

SHICHVA: SOLEKIM - MACHANE

514

BITACHON

S18

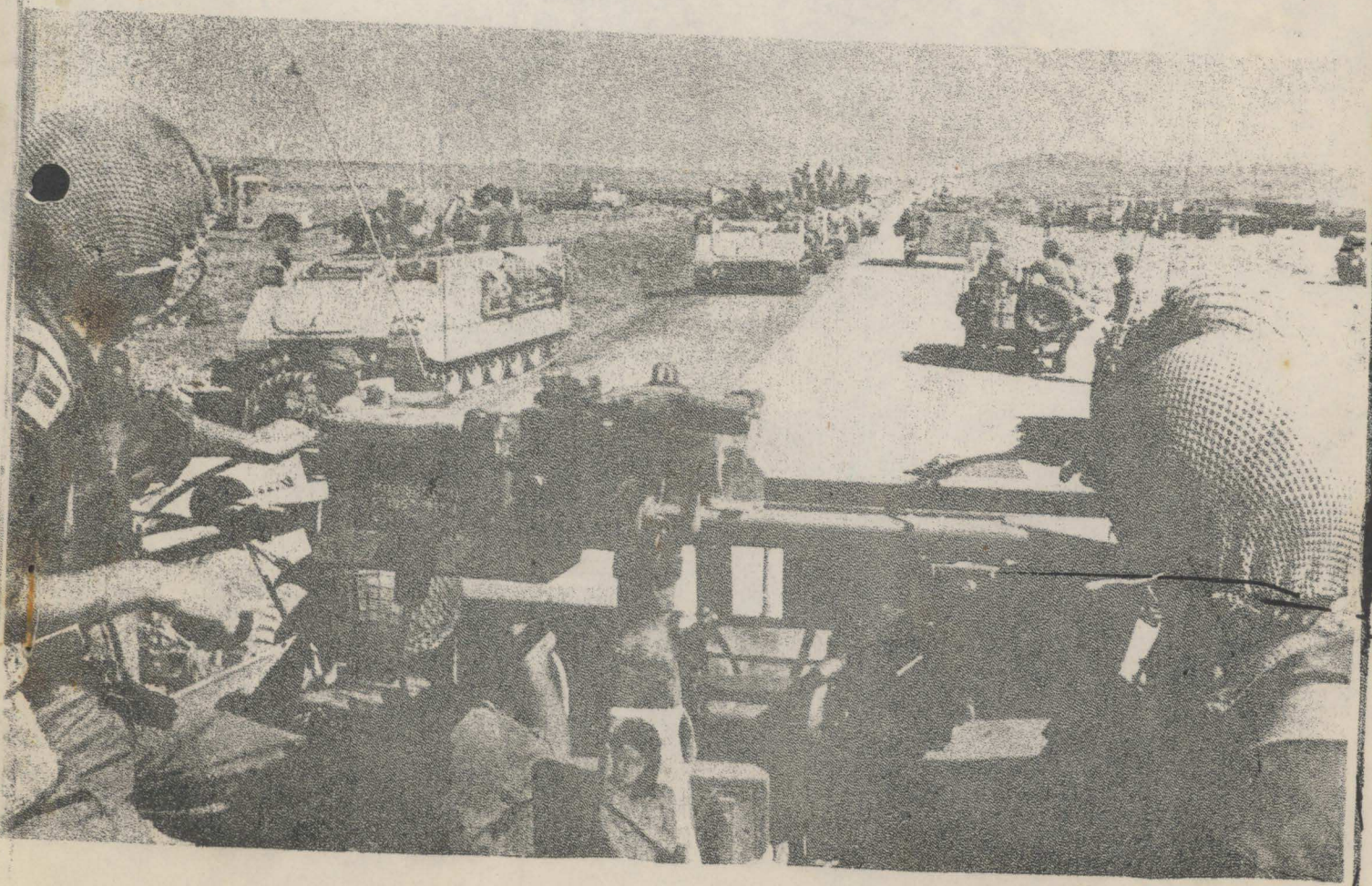
Machané

S14

T
O
C
h
n
i
t

Shichvá de solelim 1974

ICHUD HABDNIM



COMO INTRODUÇÃO

Nestes tempos em que nossos chanichim ouvem constantemente falar sobre atentados terroristas, problemas de fronteiras, acordos de cessar-fogo, e, muito raramente de paz, a Thua não poderia se permitir de informá-los e prepará-los a respeito.

No ano Passado viveram o clima da Guerra de Iom Kipur, ouviram falar sobre a legendária vitória da guerra dos 6 dias; tudo isto porem de uma forma desordenada, incompleta e às vezes errada.

A finalidade deste Tochnit é clara:

- Ordenar os conhecimentos sobre Bitachon em Israel, aumentá-los, criando interesse pelo tema colocando-os a par das necessidades da Madiná.

Queremos ressaltar no entanto que não é intenção deste Tochnit transmitir conceitos guerreiros (isto é importantíssimo), mas sim que se consiga a compreensão dos chanichim com relação ao que foi desenvolvido.

Queremos no entanto acrescentar que este Tochnit não tem de forma alguma intenção de esgotar os temas aqui abordados; ao contrário é um ponto de partida para o Madrich basear seus conhecimentos sendo que deve tentar ao máximo diversificar suas fontes de informação para melhor aproveitamento dos chanichim.

SÍDER DE PEULOT

- 1 Auto Defesa
- 2 Organização da Tzahal
- 3 Gadna
- 4 Nachal
- 5 Guerra dos 6 Dias
- 6 Guerra de Iom Kipur
- 7 Israel e os Árabes
- 8 O Problema Palestino

ATZLACHÁ RABÁ

CHUG DE SOLELIM 1974



Cochnit que se lhe apresenta tem como característica sua versatilidade. No nível em que é apresentado pretende servir ao nível de Solelim um pouco mais elevado. Por outro lado, os madrichim de Bonim poderão com um pouco mais de pesquisa e baseados no que aqui é abordado conseguir ótimos resultados na apresentação dos temas aos seus chanichim.

No entanto, tanto em um caso como em outro, o bom resultado das peulot depende fundamentalmente de preparação. Por se tratar de um tema super atual, é de fácil obtenção material acerca das peulot (tanto para ilustrar como para pesquisa). Assim deve o madrich organizar jornais murais, exposições de fotos etc. que façam toda a atmosfera que se pretende que o Tchnit tome. Adiante temos uma série de textos e contos que podem ser utilizados como meio de introduzir as peulot.

- AUTO DEFESA: 1) Tentar mostrar aos chanichim que durante toda a história o povo judeu se defendeu.
- 2) Discutir se foi certo os judeus terem se suicidado em Massada quando viram que não tinham mais saída (a importância de eles terem se suicidado e não se deixado matar).
- 3) Destacar bem o fato de que quando uma pessoa corre perigo de vida podem ser violadas todas as 'mitzvot'. (dar o exemplo do Shabat quebrado por um religioso, ou o da quebra do jejum na última guerra)
- 4) Discutir se é mais válido morrer lutando ou sacrificar a vida em nome de Deus (Kidush ha shem)

- ORG. DO TZAHAL: 1) Dar uma idéia das raízes e das necessidades que levaram à criação do Tzahal.
- 2) Mostrar qual a posição da população israelense frente aos problemas de segurança.
- 3) A importância da função social como meio de integração.

- GADNA: 1) Mostrar o papel da juventude nas lutas da guerra de independência.
- 2) Uma aproximação aos problemas básicos da nação desde a colonização, uso de armas, cuidar de imigrantes.
- 3) Como funcionam os clubes da Gadna.
- 4) Papel chalutziano da Gadna
- 5) Relação entre a Gadna e o movimento juvenil

- NACHAL : 1) Mostrar que o Nachal tem tarefas diferentes de um exército regular.

- 5
- 2) Nachal como meio de colonizar as fronteiras, e lutar ao mesmo tempo.
 - 3) o Significado de um garin do Nachal.
 - 4) Mostrar no mapa as principais colonizações do Nachal.

- ISRAEL E OS ÁRABES:
- 1) Origens do conflito árabe-israeli.
 - 2) o relacionamento entre as populações árabe e israeli através da História.
 - 3) As posições políticas arabese Israelenses.
 - 4) Debate: Possibilidade de um eventual entrosamento.

- O PROBLEMA PALESTINO
- 1) O problema dos refugiados.
 - 2) Terrorismo como uma arma política.
 - 3) Intransigência dos árabes na integração dos refugiados.
 - 4) Soluções para o conflito.

- GUERRA DOS 6 DIAS:
- 1) Dar um resumo dos principais fatos que antecederam a guerra.
 - 2) Dar um resumo dos principais episódios da Guerra.
 - 3) Jerusalém unificada e seus significados.
 - 4) Contar fatos narrados sobre a guerra, tanto do Technit como do seu conhecimento.

- GUERRA DE IOM KIPUR:
- 1) Relatar o que aconteceu, fazendo análise da situação.
 - 2) Implicações políticas internas e externas.
 - 3) Influencia sobre a sociedade israeli.

AUTO DEFESA

A lu... .. remotos
Em Massada eles se defendiam dos romanos, orientados por Alexandre Yanai, construindo "bunkers" e armazenando comida, para que pudessem sobreviver. Os judeus tinham vantagem na localização, pois estavam na parte mais alta. Porém, os romanos buscaram as muralhas para invadir Massada. Os judeus, vendo-se em situação calamitosa, consideraram ser a única solução o suicídio coletivo. (É importante ressaltar a necessidade de um debate a respeito do fato dos judeus terem se suicidado).

Kidush Ha-Shem

Entre todos os martirológicos, o povo judeu não encontra igual nos anais da humanidade. É, provavelmente, o mais longo em duração e o mais amplo registro da selvageria do Homem contra os de sua espécie; talvez seja também o mais aterrador.

Para aqueles judeus que, sob forte pressão, continuaram firmes, até o fim em sua lealdade à religião e à identidade de grupo, o martírio que resultava podia ser, simplesmente, tido na conta de um ato de fé, trazendo em si, seu próprio consolo e recompensa moral. Na escala tradicional de valores religiosos judaicos, não havia categoria de devoção, que fosse considerada do mesmo nível da do martírio. Não havia ato de virtude ou heroísmo que se pudesse comparar com o que consistia em oferecer à própria vida em "holocausto", para santificação do Nome de Deus, por lealdade à Torah, e em defesa do povo judeu.

Ao longo dos séculos, em todos os países em que os judeus estivessem residindo, eram constantemente sujeitos a mil e uma pressões, tanto explícitas, quanto implícitas de uma sociedade hostil. As pressões buscavam a induzi-los a abandonar sua religião, sua identidade étnica, e seu separatismo cultural. Para o judeu, como indivíduo, a escolha nunca era fácil; provocava nele um turbilhão interno e uma crise de consciência.

O teste de lealdade para com a identidade judaica de grupo era avaliado pela resistência que ele oferecia a todas as tentativas para atraí-lo para longe de sua fé. Os fracos e irresolutos, não podiam, compreensivelmente, encontrar a força moral necessária para resolver seu dilema. Muitos deles, aterrorizados pela ameaça de morte, que, muitas vezes, era a única alternativa para a apostasia - buscavam a segurança física na conversão e na obliteração cultural de sua identidade judaica.

O fato marcante, porém é que a grande maioria dos judeus, que os homens da Igreja Medieval cristã chamavam depreciativamente de "cabeçudos", permanecia firme. Preferiam viver segundo seus princípios, e morrer por eles, também. O grande Sábio da Mishnah do século II, Akiva ben José desafiava abertamente o decreto romano que fez do ensino da Torah um crime capital, Um dito tristemente humorístico atribuído a ele é o seguinte: "Se tiver que ser enforcado, que seja uma árvore bem alta". A árvore alta que ele escolheu para si mesmo como o fizeram milhares sem conta de judeus foi a de morrer como um mártir: al Kidush Ha Shem.

O que deu ímpeto, primeiramente, a dedicação ao martírio dos judeus da

7

Judéia foi a tentativa feita por Antíoco IV, o Rei selêucida da Síria, de convencê-los à força à religião grega. Segundos os antigos cronistas judeus dos livros I e II dos Macabeus, Antíoco havia decretado que "todos (os povos) deveriam ser um só povo", e que todos de veriam obedecer as suas leis. A campanha de terror que resultou daí levou à revolta dos macabeus, em 168 A.C.

A primeira menção concreta a mártires judeus é encontrada no sexto capítulo do Segundo Livro dos Macabeus. Num ritmo de profundo emocionalismo, relata a história do sofer (escriba) Eleazar, de noventa anos de idade, que havia resistido a todos esforços dos sírios helênicos que queriam obrigá-lo a comer porco. Pra fazer dele um exemplar, os sírios amarraram-no a um cavalete de torturas até que morresse. Comentavam os cronistas judeus de escrita grega: "E assim esse homem morreu, deixando sua morte como exemplo de nobre coragem e como lembrança de sua virtude, não só para os jovens, mas para toda a nação."

A História mais emocionante, sem dúvida, de fidelidade, registrada no Livro Segundo dos Macabeus, e talvez um tanto exagerada pela memória popular dos devotos, resolvida a glorificar os seus heróis - foi a do martírio da viúva Ana e de seus sete filhos. Antíoco os havia convocado à sua presença, e lhes ordenara que se curvassem e o adorassem - "o deus visível" - e a todos os demais deuses da Grécia. Respondeu o filho mais velho: "Deus me livre de curvar-me diante de vossa imagem! Nossa Torah nos ordena - "Eu sou o senhor teu Deus", e eu, por exemplo, não adorarei nenhum outro". Foi, então, torturado até a morte em presença de sua mãe e de seus seis irmãos; um por um os filhos de Ana negaram-se a obedecer aos desejos do Rei e escolheram a morte ao invés da traição à sua fé. Até o menor, ainda o menino desafiou Antíoco quando chegou a sua vez, dizendo: "Obedeço reiaio mandamento da Torah, que foi dado aos nossos pais por Moisés." E ele também pereceu.

O reavivamento apaixonado que inflamou o espírito judaico na era dos Macabeus foi uma tentativa de arrancar as raízes daninhas e purificar a religião e a cultura judaicas de suas excrescências helenísticas, e encetar um retorno ao puritanismo de Moisés e dos profetas. Esse reavivamento criava o clima apropriado de fervor para a dedicação ao martírio.

Dois séculos mais tarde, em torno do ano de 90 E.C., depois que os romanos haviam esmagado a Judéia e posto abaixo o Templo de Jerusalém, quando o povo judeu não mais possuía qualquer centro psicológico ou santuário nacional, foi convocado, às pressas, um sínodo rabinico, em Lida. Entre outras, ficou estabelecida a seguinte lei: "Todos os Mandamentos (mitzvot) negativos da Torah, exceto os que dizem respeito à idolatria, ao adultério e ao assassinato, podem ser violados caso se corra perigo de perder a vida." Especificamente, eles destacavam a idolatria que significava a renegação da fé. Em contraste com o conceito religioso do Kidush Ha Shem (a santificação do nome de Deus), a apostasia era estigmatizada como Chilul Ha Shem (a profanação do nome). Promulgando essa revisão fundamental da lei religiosa, o sínodo de Lida estabeleceu uma tradição que se tornou fixa e sacrossanta para todos os séculos que se seguiram. Fez do martírio por devoção a Deus, aos mandamentos da Torah, e a Israel um imperativo categórico.

O quanto essa tradição terá governado a conduta dos judeus comuns pode ser verificado pelos inúmeros exemplos citados nas crônicas bizantinas e medievais. As condições onerosas da vida judaica nos países cristãos e maometanos dava, muitas vezes, ensejo a escolhas desesperadoras. Uma delas, por exemplo, pedia sobre o comportamento das mulheres judias quando estivessem ameaçadas de

estupro durante os massacres e levantes anti-semitas tão frequentes. O Concenso rabínico, baseado em decisões anteriores do sínodo de Lida relativos ao adultério, era implacável e breve: "antes a morte!"

Nem todos os sábios rabínicos apoiavam o princípio da obrigatoriedade do martírio como alternativa para a apostasia forçada. O mestre rabínico Papos, do século II, por exemplo, até admoestou seu amigo e colega Akiva por sua imprudência suicida ao violar abertamente o decreto romano que proibia o ensino da Torah. Seu contemporâneo, o Sábio Ismael, também divergiu veementemente da opinião da maioria das autoridades religiosas, inclusive Akiva, que louvavam o ato do martírio como a escadaria que levava a graça dos céus. Numa opinião que relembra a decisão de Maimonides a respeito da mesma questão desesperada mil anos mais tarde, esse rabi da Judéia, apesar de ter, logo após, perecido como um dos dez mártires colocou-se na posição nada popular que permitia, normalmente, que se adorasse ídolos com o fim de salvar a própria vida.

Maimonides enfatizou, em sua célebre "Carta aos judeus do Iemen", em 1172, que a submissão à conversão não deveria ser motivada pela conveniência, pela covardia ou falta de princípios religiosos, mas por estratégia deliberada. Ele era de opinião que, do ponto de vista moral, era aceitável, sob pressão, que se adorasse, da boca para fora aos ídolos, ao mesmo tempo que se conservava na mente e no coração uma secreta devoção por Deus, fortalecido nessa luta da consciência pela esperança de algum dia poder conversar abertamente, de novo, sua fé em Israel. Essa linha de raciocínio deve ter sido seguida, indubitavelmente por muitos milhares de conversos da Espanha e de Portugal os quais, enquanto agiam abertamente como católicos, por favor a Santa Inquisição, viviam secretamente como judeus e corriam, assim, o risco de serem queimados na fogueira.

A maioria dos rabinos medievais, apesar da dissensão de Maimonides, apoiava fervorosamente a decisão de Lida de 90 E.C. Morrer por sua fé era considerado a suprema benção espiritual. Insistindo sobre as recompensas a serem obtidas no mundo do além, por aqueles que morriam pela santificação do Nome, tornavam menos tenebrosos os tormentos do martírio. As obras judaicas daquela época e alguns dos Hinos litúrgicos da Sinagoga (que ainda perduram) indicam que, ao verificarem a bem-aventurança celeste que adviria, os mártires se sentiam consolados e passavam a aceitar melhor a idéia da morte. Evidentemente, nenhuma pregação teve jamais o impacto moral dado pelo exemplo vivo. Isto está bem ilustrado pela Conduta dos Dez Mártires, que pereceram nas mãos dos romanos no reinado adriânico de terror que se seguiu ao sanguinolento fracasso da revolta de Bar Kochba, em 135 E.C.

Os Dez Mártires eram dez mestres rabínicos da Judéia. Nesses se incluíam Akiva Ben José e Ismael (este último sábio havia anteriormente defendido o direito do indivíduo a perpetrar a apostasia se submetido a extrema pressão pelo inimigo). Todos esses dez mestres haviam desobedecido ao decreto romano que tornara passível de punição com a pena de morte a observância do shabat e outros dias santos, o estudo e ensino da Torá, e o cumprimento do rito da circuncisão. Como eles não haviam feito qualquer tentativa de esconder suas ações, foram condenados à morte.

Um dos dez, Chanina ben Teradion, fôra encontrado ensinando a Torá. Dando-lhe um castigo adequado por "seu crime", os romanos o envolveram no pergaminho de um Seifer Torá (rolo da Torá) e queimaram-no vivo na fogueira. Também o fim que teve Akiva ben José, que havia sido a "alma" da revolta de Bar Kochba, foi tão terrível quanto êste, talvez até pior. Os romanos aprisionaram-no na fortaleza de Cesaréa e torturaram sem descanso, arrancando-lhe a carne do corpo com um "pente" de ferro de dentes afiados. Na morte (mormurou Akiva a seus discípulos à medida que seu fim se aproximava) ele havia, finalmente encontrado o caminho mais elevado de afirmar sua crença em Deus e de cumprir o mandamento da Torá que diz: "Amarás Ao Senhor Deus com toda a tua alma".

Há vários relatos moralísticos na literatura talmúdica que descrevem a maneira por que morreram os dez mártires e que registram os sentimentos elevados que expressaram diante da morte. Elas serviram, em todas as gerações, de ponto alto emocional na doutrinação da juventude judaica, evidenciando para emulação o exemplo de firmeza dado por seus ilustres ancestrais. Tornou-se comum, a partir do período bizantino, quando a conversão forçada dos judeus ao cristianismo se havia tornado um lugar comum, durante o Musaf (o serviço matinal adicional do Dia de Expição), a congregação entoar em uníssimo uma lamentação que rememorava os sofrimentos dos Dez Mártires.

Quando se lê as crônicas e histórias populares acêrca dos mártires dos períodos macabiano e talmúdico, ficamos cientes do fato de que elas tem uma semelhança muito grande com as histórias acêrca dos mártires cristãos das primeiras épocas. Há uma explicação histórico-cultural para esse paralelismo. Deve-se ter em mente que os seguidores sectários de Jesus, até a separação institucional e teológica do cristianismo da religião judaica no século II, eram judeus devotos. Também eles, ao lado dos demais judeus, tinham como parte de sua herança religiosa o exemplo e o emocionalismo dos primeiros mártires de seu povo - Eleazar, o Escriba, Ana e os seus sete filhos, e os Dez Mártires.

Os atos judaicos de martírio alcançaram proporções maciças na Europa Ocidental na Idade Média. Um certo Rabi Amitai, que viveu na cidade italiana de Oria, em tórno do ano 900, registrou que muitos rabinos franceses, quando se viam face à ameaça de conversão forçada, preferiam queimar-se vivos a si e a seus alunos. Esse esquema de autodestruição tornou-se muito comum em muitas comunidades judaicas na época das Cruzadas.

Não obstante o fato de as leis religiosas judaicas contra o suicídio e o infanticídio serem implacavelmente severas, as autoridades rabínicas medievais as relevavam diante da preocupação crucial com a morte pela santificação do Nome. Consideravam que era moralmente mais sustentável e perdoável morrer por suas próprias mãos, que ao menos eram inocentes, do que submeter-se como carneiros ao sacrifício diante da ameaça do inimigo: "Se continuam sendo judeus, morrerão!".

Em Mogúncia, a 27 de maio de 1905, a comunidade judaica inteira,

10

quando cercada pelos cruzados no palácio do arcebispo Ruthard, consumou o rito do suicídio em massa. Segundo um cronista judeu que registrou o acontecimento, gritaram eles no momento de partirem da vida: "Somos felizes de fazer a Sua vontade. Feliz é aquele que é morto, morrendo pela unidade de Seu Nome, e preparado para entrar no Mundo do Além, para ali viver na companhia celeste dos virtuosos, com Rabi Akiva e seus colegas - os pilares do Universo que pereceram por Seu Nome!".

Por toda parte era a mesma coisa: na Inglaterra, na França, na Áustria, na Itália, na Espanha e, principalmente, em cerca de 350 comunidades da Alemanha. Inúmeras congregações homens, mulheres e crianças trancaram-se em suas sinagogas, a que depois atearam fogo, e pereceram juntos, com o Shema fervoroso nos lábios. Na cidade inglesa de York, por exemplo, todos os judeus suicidaram-se na Clifford's Tower, por não quererem se submeter a conversão exigida pela multidão que os sitiava do lado de fora. Antes de morrer (a 17 de março de 1190), ouviram um último sermão de seu rabinã, Iomtov de Joigny. Disse-lhes ele: "Deus, cujas decisões são inescrutáveis, deseja que morramos por nossa Santa religião. A morte está a um passo, e não sei quem preferirá, em troca de um curto período de vida serem infiéis à sua fé. Como devemos preferir uma morte gloriosa a uma vida vergonhosa, é aconselhável que façamos a nossa escolha mais honrosa e mais nobre o modo de morrer. A vida que nos deu o Criador nos deu e nós lhe devolvemos por nossas próprias mãos. Muitos homens e congregações devotos deram esse exemplo em épocas recentes."

Nas comunidades judaicas da Renânia, tornou-se costume honrar a memória dos mártires locais no nono dia de Ab (Tisha b Av) que comemora a destruição do templo em Jerusalém. Cada congregação continha uma própria lista de mártires num Memorbuch (livro de lembranças). O escritor alemão cristão Schudt observou, no séc. 17, que os judeus sefardim de Amsterdã "tem seus próprios livros de mártires em que inscrevem os nomes dos que eram sacrificados na fogueira por sua fé, e muitos judeus são maravilhosamente firmes quando enfrentam a Inquisição".

Como deve ser bastante evidente, porém, nem todos os judeus que morreram em mãos de seus inimigos tinham alternativa da conversão à da morte. Os enormes holocaustos de um número incontável de judeus que ocorreram nos países cristãos e maometanos - quaisquer que fossem os "justificados" pretextos e razões ou mesmo sem a pretensão de um pretexto - desde os massacres "piedosos" dos cruzados até os centros de extermínio a sangue frio dos nazistas alemães, atingiram a um sem número de judeus que são venerados por todo o povo como kedoshim (mártires). Os devotos sempre encararam sua morte como afirmação de uma aliança inquebrantável entre Deus e Israel, e entre o judeu como indivíduo e sua identidade de grupo.

TZAHAL

de da existência de uma força de defesa organizada. Isto é, de certa forma uma oficialização da Haganá nos moldes do qual foi fundamentado o Tzahal (vide Haganá).

O Exército de Defesa de Israel surgiu da necessidade de defesa que o novo Estado enfrentou a partir da sua criação. A realidade de então é que Israel estava cercado por países árabes que além de seu número muitas vezes maior e mais forte que Israel, sempre tiveram intenção de impedir a presença israelense na região, ou como os próprios árabes proclamaram, " atirar os judeus ao mar". Vem daí a forma com que ele se organiza: um sistema de Defesa altamente treinado,, com equipamentos modernos atentos para proteger as vidas e as propriedades dos israelis. Todos que se encontram nesta missão sabem que a segurança de seu povo, e logicamente também a sua dependem de sua destreza, prontidão e devoção. (Analisar a forma do jovem israeli encarar o exercito e toda a situação em geral).

ANTECEDENTES

Como foi dito anteriormente, o Tzahal surgiu como uma consequência direta da HAGANÁ . Esta era uma organização clandestina que sucedeu ao HASHOMER em 1920. Desta forma em 1948 todos os seus membros foram transferidos para o exercito então oficializado.

O HASHOMER foi uma organização de defesa que surgiu em 1909 que cumpria uma dupla função: Por um lado defender as colonias judias, e por outro de lutar pelo emprego de trabalhadores judeus, visto que era mais vantajoso para os donos das terras contratar árabes mais acostumados ao trabalho da terra e mão de obra mais barata.

A criação da Haganá resultou da verificação de que era inadequada e ineficiente a proteção prestada pelo Mandato Britânico aos judeus de Israel. Sendo assim, organizou-se um exército popular voluntário que tinha o papel específico de defender os interesses judaicos no seu Lar Nacional.

Paralelamente à Haganá haviam outros grupos de menor relevância que em suas ações utilizavam táticas mais violentas e radicais que a Haganá. Entre eles encontramos o ETZEL (Irgun Tzvaí Leumi- Organização militar nacional) e depois uma de suas facções dissidentes o LECHI (LoChaméi Cherut Israel - Lutadores pela Liberdade de Israel). Na realidade suas funções eram diversas da Haganá em princípio.; Enquanto a Haganá dava às suas atividades um caráter de defesa do ishuv judaico palestino, o Etzel por sua vez propalava atividades anti-britânicas com a formação do grupo em 1939 pela publicação do livro Branco. Ao estourar a 2ª Guerra Mundial foi declarada uma trégua, motivo que levou a facção dissidente a formar o LECHI e continuar as

12

as atividades anti- britânicas. No entanto quando da formação do Estado todos os grupos, mesmo os mais radicais colocaram seus membros à disposição dos comandantes das forças do Tzahal.

Podemos ressaltar ainda a atuação da Haganá na Haapalá (imigração ilegal) e na 2ª Guerra Mundial quando pelo menos 30.000 pessoas homens e mulheres se alistaram voluntariamente aos ingleses formando a Brigada Judaica que teve atuação destacada nos combates do Sul da Itália.

Em 1941 foi organizada a unidade tipo comando que formaram as tropas de elite da Haganá - HAPALMACH. Dentre seus membros pode-se destacar Itzhak Sade e Ygal Alon que ainda hoje constituem figuras de destaque na política israeli. A sua principal função era de conjuntamente com os ingleses conter o avanço alemão recebendo no entanto ordens diretas da Haganá.

ORGANIZAÇÃO DO TZAHAL

A convocação é regulamentada pela Lei de Recrutamento Nacional promulgada em 1949. Assim os homens até a idade de 29 anos e as mulheres até os 26 são chamados para o serviço militar obrigatório, sendo que os homens servem por 2 anos e meio e as mulheres por 2 anos. As exceções são feitas aos médicos que após seus estudos trabalham como tal até os 34 anos e as mulheres casadas com filhos que são dispensadas bem como as que alegam motivo religioso.

Desta forma o serviço Militar fica assim constituído:

- Núcleo Regular - composto por profissionais que tem seu cargo em caráter permanente
- Recrutas- que cumprem o serviço normal a partir dos 18 anos .
- Reservistas- que são chamados todo o ano para servir em suas funções por um período que gira em volta de um mês , mas que para o caso de uma eventualidade pode ser convocado imediatamente.

O Exército é dividido em 3 Comandos:

- Pikud ha tzafon(norte) - Principais fronteiras libano e Síria
- Pikud ha Merkaz (Central) - Principal fronteira: Jordânia.
- Pikud ha Darom (sul) - Principal fronteira : Egito.

Em cada região há um comandante que são centralizados pelo Estado Maior. Este também comanda os comandantes das Forças Aérea, Naval e Terrestre. Cada Força por sua vez é ainda subdividida em : Estado Maior, Potencial Humano, Logística e Serviço Secreto.

A defesa territorial é ainda baseada em uma cadeia de Machanot Tzvaí (Acampamentos Militares) ao longo das Fronteiras os quais estão sempre participando de práticas e exercícios militares.

MULHERES NO EXÉRCITO

Israel é o único país no mundo aonde as mulheres estão sujeitas ao serviço militar obrigatório mesmo em tempo de paz. Isto não apenas reflete a necessidade que experimenta Israel para aproveitar ao máximo o potencial humano à sua disposição mas também a posição de igualdade própria à mulher em uma sociedade pioneira do novo Israel.

Geralmente as jovens ocupam-se de tarefas administrativas e de outros cargos afastados do campo de batalha, dando aos homens a possibilidade de dedicar-se plenamente em tarefas militares propriamente ditas. Depois de passar por um curso básico de instrução militar e de diversos exames psicológicos e vocacionais, as mulheres passam a ocupar cargos de empregadas, telefonistas operadoras de rádio, encarregadas de depósitos, etc. Outras ocupam-se em dobrar para-quedas ou manter instrumentos em boas condições. Algumas são enfermeiras, ou dedicam-se a atividades culturais. Há quem faça cursos de professoras e tomam sobre si a responsabilidade em ensinar hebraico e outras atividades educativas. Elas gozam de privilégios especiais. As tarefas noturnas fazem em pares, têm alojamentos melhores com banheiros separados. Elas só podem ser julgadas pelo oficial de sua unidade.

O TZAHAL COMO MEIO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL

A Taavá pode também ser considerada como um importante meio de integração social. Como sabemos a formação da Sociedade Israeli é um mesclado de elementos de diversas partes do mundo, desenvolvido ou não. Durante o período de exército são colocados juntos pessoas das mais diversas procedências, com diferentes formações culturais. Assim juntos há a oportunidade de se conseguir um intercâmbio que facilita a integração e muitas vezes até mesmo a absorção de Olim com a criação de um ambiente social. Com toda esta vivência e troca de idéias o jovem que sai do exército tem uma mentalidade completamente diferente da que quando entrou, com os olhos mais abertos para a realidade que ele passará a viver a partir de então.

Desta forma os jovens dentro do regime do exército são colocados todos em pé de igualdade um perante os outros independentemente de suas origens ou de sua classe social.

ATIVIDADES DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

O Ministério da Defesa está ainda encarregado das Atividades de Investigação e Defesa ao qual se liga diretamente o Tzahal, as quais desenvolvem amplas atividades para o aperfeiçoamento do exército. Foi criada para tal a divisão de desenvolvimento de meios de combate, estando a seu encargo realizar atividades em conjunto com o instituto de investigações ou empresas do ministério da defesa e com instituições similares dentro do setor civil (Technion, Instituto Weizman, etc). As investigações são realizadas nos diferentes campos da ciência que possam ser úteis nos meios de combate do exército.

GADNÁ

GADNÁ É uma organização nacional israeli que abarca atualmente a dezenas de milhares de jovens de 14 a 18 anos e que foi criada na época pré-estatal, quando o povo judeu debatia-se para reconquistar seus direitos e converter-se numa nação soberana em sua própria terra.

Na época de imigração maciça, foram os rapazes da Gadná aos acampamentos de novos imigrantes e prestaram ajuda inapreciável no processo de integração da juventude recém chegada.

O serviço nacional, prestado pelos alunos das escolas secundárias acercou aos problemas da colonização fronteiriça e os permitiu colaborar em empresas como a do florestamento das áridas montanhas de Guilboa. A vivência juvenil que representa a saída do acampamento independente no marco da Gadná transforma-se em uma vivência educativa pela qual a juventude enfrenta cara a cara com a terra de sua pátria e com seus problemas mais candentes. A participação do jovem na solução dos problemas nacionais permite inculcar ao jovem uma consciência patriótica de ser ativista, que é a fonte na qual nutre-se o seu amor pela pátria.

Os quadros juvenis da Gadná abarcam hoje em dia a maioria da juventude israeli. Graças ao esforço e a veemência colocadas em jogo para obter os objetivos nacionais e graças as flexibilidades da sua forma de atuação colocou-se a Gadná na primeira fila do sistema educacional de Israel.

ORIGEM DA GADNÁ

Com a explosão da II Guerra Mundial e especialmente diante da perspectiva de uma iminente invasão dos exércitos nazistas defrontou-se o "ishuv" com uma só alternativa: lutar e manter a sua sobrevivência física.

Desta maneira começou a grande preparação da Haganá e toda a juventude foi arrastada pelo torvelinho.

A ativação da juventude ultrapassou os marcos locais eventuais e esporádicos, para revestir-se de uma projeção nacional com a declaração do plano de educação física intensiva, que começou a desenvolver-se nas escolas secundárias.

As intenções do programa tal como foram formuladas pelos dirigentes foram: desenvolver no jovem qualidades de pontualidade, disciplina especial, capacidade física, resistência, a tal ponto que possa aguentar as inclemências do frio e do calor, que não retroceda diante da fome e da sede, e que seja capaz de suportar qualquer carga com segurança e valentia.

O surgimento do Estado de Israel determinou uma viragem básica e substancial na história da Gadná. Os quadros juvenis deixaram a clandestinidade e criou-se o Comando da Gadná como ramal específico da Tzahal.

Oficiais e instrutores passaram a viver em acampamentos de trânsito. Fundaram-se clubes da Gadná nos quais se concentrava a juventude juntamente com os jovens imigrantes. O pessoal da Gadná ocupou-se de tudo: Educação, Ativação social -

ensino de princípios básicos de limpeza e higiene, orientação profissional, atividades culturais, cuja intenção era dar a conhecer os valores da sociedade israeli. Foram organizados encontros entre a juventude imigrante e a veterana do país, cursos, seminários...

Os aspectos defensivos determinaram a necessidade de desenvolver um programa de instrução militar, com a intenção de preparar a juventude física e espiritualmente para o serviço militar regular. Os objetivos da colonização e desenvolvimento foram expressados assim: 1) assegurar a participação ativa dos alunos das escolas nas áreas colonizadoras, reverdecimento do deserto.

2) despertar e fortificar o seio da juventude a sensibilidade pelos problemas dos imigrantes.

MARCOS DE ATIVIDADES

AS atividades da Gadná abarca dezenas de milhares de jovens em diferentes marcos, adaptadas a realidade israeli. Isto se realiza nos seguintes cursos:

- 1) Treinamento no lugar de residência e os estudos.
- 2) Treinamento intensivo.
- 3) Empresas e atividades especiais.
- 4) Atividades de inverno.

1) TREINAMENTO NO LUGAR DE RESIDÊNCIA E DE ESTUDOS

a) Os colégios secundários e teóricos incluem no programa normal de estudo, oito horas semanais de treinamento, dado por instrutores do Ministério de Educação, de acordo com o programa dado pelo comando da Gadná.

b) Os clubes de Gadná, dispersos em todos os centros de imigrantes, povoações, cidades em desenvolvimento, e bairros suburbanos, estão a disposição de todos, durante as horas da tarde. Os jovens estão organizados em grupos de treino.

c) Nas povoações mais importantes atuam clubes que se dedicam a atividades específicas, como por exemplo: clube de tiro (como atividade social); clube da Gadná Aérea (aficcionadas as atividades aéreas)

d) Grupos de jovens imigrantes que se educam no Kibutz voluntariamente e permanecem durante tres ou quatro anos. Estes jovens completam lá a sua educação e especializam-se na agricultura.

2) TREINAMENTO INTENSIVO

O Comando da Gadná mantém um certo número de bases nas quais recebem os membros da Gadná uma instrução intensiva.

A base central de instrução em Beer Oran e Sde Boker treina rapazes e moças da escola secundária durante onze dias. Cada escola sabe ao começar o ano letivo quando chegará a sua vez de enviar os alunos ao treinamento intensivo. Durante esse treinamento são os jovens submetidos a uma disciplina semi militar e parte do tempo passarão em um acampamento escáutico temporário, que eles mesmos levantam. O programa de atividades inclui jogos, campismo, tiro ao alvo, exercícios diversos.

Existe uma tradição de que cada um dos grupos futuros do Nahal podem escrever o nome do Garin com letras gigantescas nas ladeiras das montanhas que rodeiam Beer Oran.

Todos os serviços nacionais, são realizados pelos Gadnaim, desde ajudar a construir novos pontos de colonização, ajudar nas colheitas, orientar jovens das ci

46

dades em desenvolvimento, expedições arqueológicas.

"...Podemos também analisar sobre um prisma diferente e fazer uma comparação aos nossos movimentos juvenis em chutz la Aretz. A atuação dos gadnaim, junto a juventude, a fim de integrá-los numa vivência de grupo cotidiana (em relação aos recém chegados) dá conhecimento dos princípios básicos da sociedade israeli.

O simples fato de que não há uma interrupção, sendo sempre como na tnuá que o chanich começa, de tzofé até atingir a dirigência do movimento, também se observa na Gadná, o jovem começa a integrar em seus quadros a partir dos quatorze anos até atingir um status que lhe permite passar de educando a educador.

NACHAL

A Nachal é uma formação especial do Exército Israelí para a juventude chalutziana de Israel e para os garinim dos movimentos chalutzianos do Galut. Cada jovem quando completa 18 anos, deverá servir dois anos e meio. Para preservar os garinim na época do serviço militar e para não espalhar os membros do garin em diversas unidades do exército criou-se por lei governamental esta formação especial chamada Nachal (Noar Chalutzí Lochem), e que quer dizer - Juventude Chalutziana Combatente. Os garinim recebem uma certa autonomia dentro do exército para continuar sua vida chevratí interna.

O grupo ao entrar na Nachal, faz antes de mais nada a primeira fase de treinamento militar, durante tres meses numa base determinada para garinim da Nachal. Nesta base, chaverim e chaverot encontram-se juntos, fazendo às noites reuniões. Uma noite por semana é absolutamente livre, podendo o garin ser visitado por chaverim civis, madrichim, etc. Este é um direito único da Nachal já que nenhum outro soldado pode ser visitado no seu acampamento militar por civis.

Depois da primeira fase de treinamento, o garin passa para um kibutz onde permanece nove meses. No meshek os nachlaim trabalham como todos os demais chaverim recebendo ou continuando sua hachshará de kibutz. O garin tem moradias suas mas continua vivendo sob disciplina militar e quando surge uma ocasião ou uma situação militar ou de segurança, os nachlaim são os primeiros a serem chamados a ocupar posições.

O garin da Nachal até certo ponto, pode também escolher o meshek / onde pretende fazer a sua hachshará. Quando já foi escolhido o meshek que o garin vai completar e sendo este um Meshek - Gvul (de fronteira), pode o garin exigir sua hachshará no respectivo kibutz escolhido. Depois destes nove meses de hachshará o garin passa outra fase de treinamento em outra base militar. Uma vez terminada, o garin dirige-se para o kibutz de fronteira aonde vive nas mesmas condições que os chaverim / locais, sem obrigações militares, mesmo sem ter completado os 30 meses, pois ser um chaver de kibutz de fronteira já é considerado como serviço militar.

As tarefas fundamentais da Nachal são: preparar novas regiões para o desenvolvimento, especialmente ao redor das fronteiras; trabalhar em cidades e / aldeias de desenvolvimento onde vivem recém-chegados que necessitam de ajuda. Todos os integrantes da Nachal são voluntários.

Quando o TZAHAL crê que uma determinada região do Neguev ou qual-quer outro ponto estratégico precisa ser colonizado por questões de segurança, envia-se para este local garinim da Nachal. Isto se faz quando ainda não existem condições de hityashvut rentável. Às vezes passam alguns anos até que heiachzut (ponto de co-

ISRAEL E OS ÁRABES

COMEÇO DO CONFLITO

18

Logo nos primeiros dias do mandato britânico (24 de julho de 1927) os líderes da comunidade judaica da Palestina tentaram chegar a um acordo com os líderes da comunidade árabe. Negociações intermitentes que foram levadas a cabo durante um período de trinta anos não deram certo, já que os líderes árabes se negaram a reconhecer que os judeus tinham algum direito ao país.

A oposição árabe ao estabelecimento de um lugar nacional judeu estalou com violência nos anos de 1920, 21, 29 e de 36 à 39 através de ataques terroristas, contra comunidades urbanas e aldeias. Em 1929 o massacre dos judeus de Hebron pôs fim a uma comunidade judaica que lá havia vivido por mais de 2000 anos. 517 judeus foram mortos por terroristas árabes entre 1936 e 1939.

Através do Kerem Kayemet os judeus compraram das mãos dos árabes terras, pelas quais pagaram preços exorbitantes. Nessas tentativas se levantaram aldeias judaicas cujo desenvolvimento causou um grande impacto nesses mesmos árabes. A comunidade árabe cresceu vertiginosamente durante esses anos, e foi atraído para a Palestina por causa do seu grande desenvolvimento. No prazo de trinta anos a população árabe no país se duplicou.

A resolução das Nações Unidas: aceita pelos judeus, recusada pelos árabes

Um comitê especial das Nações Unidas encarregado de estudar o problema da Palestina e composto por homens de Estado e juristas pertencentes a onze países membros da ONU, recomendou a participação da Palestina em dois estados independentes: um árabe e outro judeu, unidos economicamente e com Jerusalém sob o controle internacional. A 29 de novembro de 1947, a Assembléia Geral das Nações Unidas aprovou esta recomendação por mais de dois terços. Os Estados Unidos e a União Soviética votaram a favor da resolução.

A decisão das Nações Unidas foi adaptada pela Agência Judia e recusada plenamente pelos governos árabes. Os últimos seis meses do Mandato Britânico estiveram marcados por fatos sangrentos dirigidos contra a população judia do país. Os árabes tentaram interromper a comunicação entre os povoados judeus entre si e sobretudo isolar Jerusalem. Nenhum povoado chegou a ser capturado anteriormente à entrada das exércitos árabes dos países vizinhos. As autoridades britânicas ajudaram aos árabes, mediante o seu ministro de equipamentos e bases militares. Oficiais britânicos estiveram na frente da Legião Árabe. O máximo esforço da Haganá esteve concentrado em manter o Corredor de Jerusalém e repelir os assaltos árabes. Nestas condições Grã Bretanha retirou o resto de suas forças a 15 de maio de 1948.

19

Nesse mesmo dia se proclama em Tel Aviv a Independência do Estado de Israel. Com isto encerra-se um período de mais de 800 séculos de domínio estrangeiro.

Ao mesmo tempo os exércitos regulares do Egito, Jordânia, Síria e Líbano invadiram o recém proclamado Estado, visando destruir a população judaica e expulsar os judeus ao mar, e terminar com o Estado Sionista,

No ano seguinte, após lutas cruéis foram assinados os Tratados de Armistícios que pareciam então ser um possível meio de acordo estável de paz e não agressão. A verdade é que os Tratados de Armistícios não se converteram em acordos duradouros mas pelo contrário foram violados em numerosas oportunidades, Infiltrações de fronteira, bloqueio do Canal de Suez, ação do Sinai, corrida armamentista, etc.

DEPOIS DA INDEPENDÊNCIA

Após a consolidação de sua independência a maior tarefa à qual o novo Estado se dedicou foi a de estabelecer e normalizar sua situação internacional, em particular na obtenção da Paz com seus vizinhos árabes. Tanto é que o Ministério do exterior era o maior e mais bem equipado de todos.

Da mesma forma que haviam sido intransigentes quanto à resolução da ONU de 1947, assim os árabes pareciam continuar sendo com relação a uma possível paz com Israel. Para isto contribuíram vários fatores:

- 1) Um deles o fato de os árabes saídos da Palestina não quererem ser uma minoria na terra habitada por seus ancestrais.
- 2) Por outro lado o ódio ao Estado Judeu era um fator duradouro e estável na política árabe. Isto é, aquele que conseguisse a extinção de Israel certamente lideraria o Mundo Árabe.
- 3) com relação à política interna, a política anti-israeli constituía uma manobra diversionista para encobrir o descontentamento econômico e social local.
- 4) Além disto o nacionalismo árabe altamente inflamado era um sério obstáculo à existência de um outro estado na região.

Na primeira geração após a Declaração Balfour, muitos Sionistas tentaram convencer-se a si mesmos e ao resto do mundo de que o nacionalismo árabe era um mito, estimulados pelos britânicos ou por predatórios senhores feudais árabes. A recusa de reconhecer tanto a autenticidade como a intensidade dos sentimentos árabes não era apenas um erro dos judeus, mas também uma afronta ao amor próprio dos árabes intolerável para a maioria de seus líderes.

Ben Gurion não reiscindiu neste erro depois da guerra da Palestina. Fez pessoalmente o mais que pôde para aplacar as susceptibilidades árabes e repetidamente apregoou a possibilidade de cooperação econômica e diplomática entre árabes e judeus e de uma associação judeu-árabe numa federação de países do Oriente Próximo.

20

Apenas um governante árabe, Abdula da Jordânia Manifestou interesse na "Coexistência Pacífica"; foi assassinado por um pistoleiro nacionalista em julho de 1951. Depois da morte de Abdula nenhum político árabe ousou negociar com BenGurion. A endêmica atividade militar de Fronteira prosseguiu, enquanto no Egito o canal de Suez permanecia fechado a toda a navegação que se destinasse a Israel.

Tentando mais uma vez terminar com o "osso na garganta dos países árabes" novamente o Egito liderou o movimento beligerante contra Israel. Em 1956 a situação tornou-se ainda mais crítica chegando a envolver a França, Inglaterra e Estados Unidos que viram no nacionalismo radical de Nasser um perigo aos seus interesses na região. Assim os dois primeiros imediatamente apoiaram e intervieram juntamente com Israel na invasão da península de Sinai.

Depois da guerra de 56, com as garantias internacionais dadas e apoiadas pelas grandes potências parecia que os direitos de Israel seriam resguardados. Com o recrudescimento das atividades guerrilheiras notou-se evidentemente a impotência dos órgãos internacionais para resguardar a calma na região.

Depois da guerra de 1967 Israel teve que se dedicar com afinco ao problema dos habitantes das zonas conquistadas. Os objetivos então fixados pelos israelis e que estão até hoje levados a cabo são:

- a) Preservar a segurança e a vigência da lei.
- b) Promover o desenvolvimento social e econômico.
- c) Fomentar as relações de boa vizinhança.
- d) Manter abertas as opções para negociações de paz.

O maior problema encontrado na assimilação desses árabes foi o grande desnível cultural e diferença dos costumes, e o medo inculcado pelos países árabes.

Logo após a guerra foi um pouco difícil a sua integração, encontrando-se até mesmo uma certa hostilidade. No entanto, aos poucos, os planos levados a cabo foram surtindo efeito, e praticamente pode-se dizer que atualmente já se encontra normalizada a sua situação.

Os grupos terroristas, a princípio tentaram amedrontar a população "colaboracionista" com Israel, mas vai-se evidenciando aos poucos a pouca simpatia apresentada a esses movimentos, paralelamente à sua eliminação no Território Israelense, pelas forças do Tzahal.

Atualmente, tem havido uma normalização na vida desses árabes, sendo que muitos deles não querem a volta ao antigo sistema. Quem sabe, a solução do conflito não esteja na absorção deles.

GUERRA DOS SEIS DIAS

ANTECEDENTES

A situação instável na fronteira Sírio-Israelenses, com as constantes incursões de Fedayns em missões terroristas, a retirada das Forças de Emergência das Nações Unidas da Faixa de Gaza e outros pontos de atrito, sendo imediatamente substituídos por tropas pesadas e blindados Egípcios, além da concentração de 30.000 homens nas fronteiras, as provocações Jordanas contra a política Nasserista, dizendo da existência de um pacto de não agressão entre os dois países (Israel e Egito) ainda acrescentando da covardia egípcia de não quebrar esse acordo, era esse o fiel retrato do que acontecia no Oriente Médio.

A situação esquentava dia após dia, U Thant se desdobrava entre N. York, Cairo, Jerusalém e Aman, mas sempre apático nas suas dirigências, o simples fato da aprovação da retirada das tropas de segurança já demonstra que as pressões árabes começavam a influenciar.

Atingia-se uma tensão incrível, a qual é acrescentado o bloqueio do Estreito de Tiran, proibindo a passagem de qualquer navio de bandeira israelense ou que fizesse o transporte para Israel. A proibição da entrada no Golfo de Akaba já era razão suficiente para a deflagração de uma guerra, cerca de 80% do petróleo consumido em Israel entrava no país pelo porto de Eilat, acessível unicamente pelo estreito do Tiran, além de paralisar todo o comércio de Israel com a Ásia e África. Era um estrangulamento lento, a menos que ouvesse uma reação imediata.

A opinião pública israelense exigia uma ação imediata, chegara o momento de mostrar a Nasser o seu verdadeiro lugar. Por outro lado o estado de prontidão das duas partes era notório.

Para uma melhor situação dentro dos antecedentes surgiu um esquema especificando cronologicamente os antecedentes.

Fase I - 14/19 de maio - concentração de tropas no Sinai; em resposta aos pedidos sírios o governo egípcio concentra suas armadas e blindados no deserto de Sinai. Retirada das forças da ONU: a pedido do Egito, são evacuados todos os integrantes, na linha de fronteira, a UNEF, concentrando-se em seus lugares, exército egípcio.

Fase II - 19 de maio a 2 de junho - No Sinai o clima é de guerra total. No dia 28 unidades do exército Iraqueano chegam à Síria. Dia 29 o Kuwait manda homens ao Egito; está sendo formado o anel em torno de Israel.

Fase III - 20 a 22 de maio - No dia 20 de maio logo após a saída da UNEF de Sharm-el-Sheik o exército egípcio toma conta do local e 2 dias após é fechado o estreito de Akaba.

Fase IV - 30 de maio a 4 de junho - No dia 30 o rei Hussein assina um tratado no Egito passando o comando de suas forças aos generais egípcios. Dia 4 o presidente Aref subscreve o pacto, no dia 3 as tropas iraquianas já estão nas fronteiras jordanianas.

UM POUCO DO NASSERISMO

Nasser como todo o líder de ascendência popular, foi seguido de um fanatismo que lhe deu todos os trunfos do domínio. Segundo êle próprio, era o "Herói do Oriente Médio" e desde a derrubada do rei Faruk , e a curta permanência do General Nagib, envolveu-se na situação a tal ponto de doutrinar pouco a pouco a população.

Sua primeira e grande cartada política foi a nacionalização do Canal de Suez gerando a campanha do Sinai que teve a intervenção da França, Inglaterra e de Israel que ocuparam toda a Península do Siani .

Na ganância de conseguir sempre mais alguma coisa, Nasser, aos poucos foi se integrando à URSS de corpo e alma cada vez se afundando mais, auto asfixiando-se

A população era iludida por falsas mensagens de conquistas em todos os campos. Paralelamente a isto, as crises entre os próprios países árabes foram forçando a uma tomada de posição na qual trouxesse a satisfação ao seu inocente povo.

Forçando uma situação militar, seria o melhor que poderia se fazer para o contentamento de um povo de mentalidade sub-desenvolvido. As vitórias contadas antes do tempo, as ruidosas manifestações foram aos poucos fazendo com que a população fôsse embebida no sabor dos triunfos antes mesmo que a guerra começasse.

A GUERRA

Afinal, às 6:30 hs. do dia 5 de junho de 1967, diante das primeiras manchas aparecidas nos radares da Força Area Egípcia , é dado o alarme geral, que não provocou surpresa na população pois já estavam prevenidos há 2 semanas e as forças em toda a Mediná em prontidão. Tinha começado a 3ª Guerra árabe-israeli.

Em questão de horas uma quantidade considerável de aviões de caça e combate israelenses já estavam no ar comandados por Mordechai Hod, bombardeando os aeródromos egípcios, sírios e jordanianos com a destruição total de todo o seu poderio aéreo. Fazendo um semi-círculo no Mediterrâneo voando a uma altura bastante baixa para despistar os radares egípcios, atingindo ainda sobre o Mediterrâneo uma linha paralela à Alexandria e o Delta do Nilo, quando se desviaram bruscamente para esquerda caindo com carga total sobre os egípcios, voltando em direção a Israel ainda seguindo em sua destruição a aeroportos e pontos estratégicos no Sinai. Vale salientar que durante estes ataques a artilharia aérea somente preocupou-se em atingir os aparelhos árabes nos seus hangares ou mesmo não pistaprontos para o voo com uma precisão fora do comum, provocando até especulações a respeito das informações recebidas.

Enquanto isto, forças de terra penetram na Faixa de Gaza até Chan Yunis e Rafiach cortando as tropas egípcias em 2 e seguindo até El Arish. Para o Sul numa operação de terra, mar e ar tomaram Sharm-el-Sheik com isto reabrindo a passagem para o Golfo de Akaba e Eilat.

A Jordânia esboça uma tentativa de bombardear Nathania e recebe a resposta imediata com a tomada de Jenin, Nablus, Jericho, Belem e, a 7 de junho, Jerusalém é reunificada depois de encarniçados combates e sangrentas lutas conquistando do palmo a palmo e casa por casa a Cidade Velha.

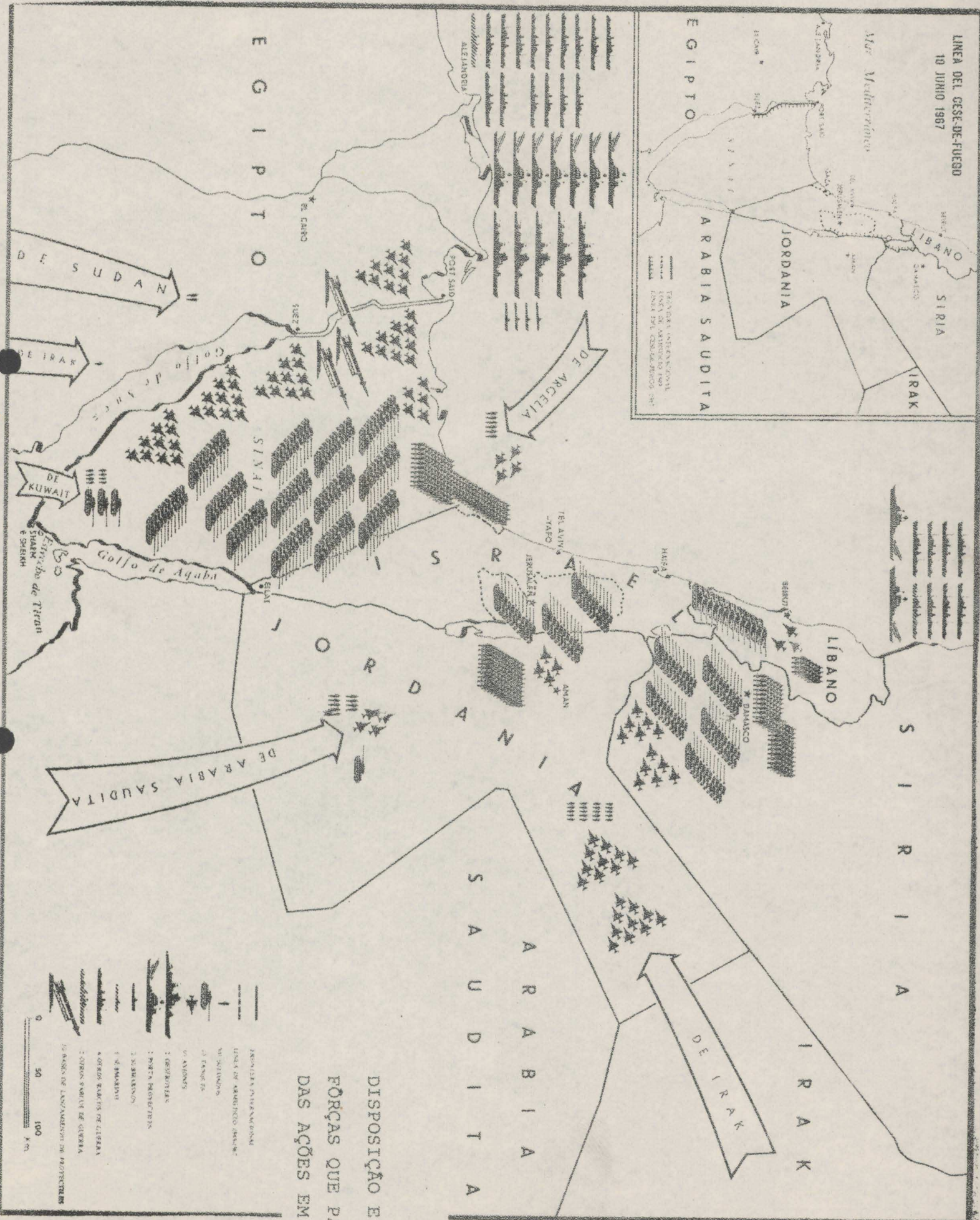
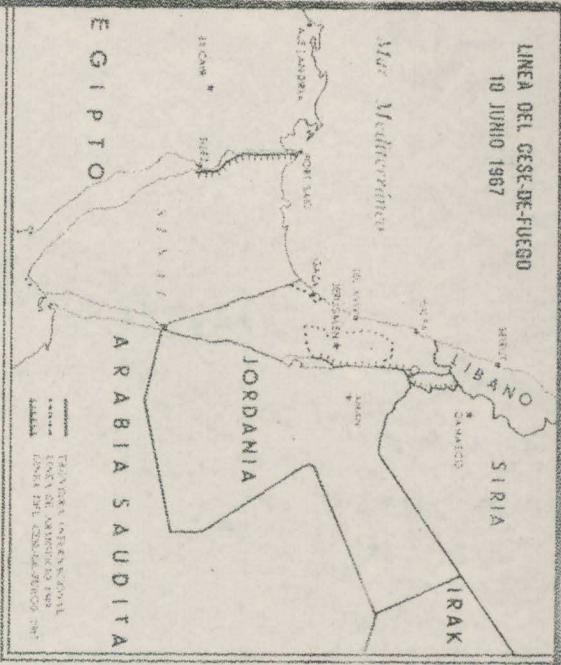
Do lado Sírio foi duro o bombardeio infringidos aos kibutzim da Galiléia e nesta região também em questão de algumas horas a infantaria chega até Kuneitra. Após 4 dias de combate a artilharia israeli faz silenciar as baterias sírias e nas elevações de Golan, fortalezas estas encravadas nas rochas e destruindo todas as casmatas.

Em 100 horas, menos que 5 dias do início das hostilidades a guerra estava decidida a favor de Israel que havia lutado íntegramente contra a coligação de 12 nações inimigas.



MAPA DEMONSTRATIVO DAS ATIVIDADES DA FÔRÇA AÉREA ISRAELI EM 1967

24
 LINHA DEL CESE-DE-FUEGO
 19 JUNIO 1967



DISPOSICÃO E NÚMERO
 FORÇAS QUE PARTICIPA
 DAS AÇÕES EM 1967.

- | | |
|--|--------------------------|
| | 1. PORTA AVIOES EGÍPCIA |
| | 2. AVIÃO EGÍPCIO |
| | 3. TANCAS EGÍPCIAS |
| | 4. ARMADILHAS EGÍPCIAS |
| | 5. ARTILORIA EGÍPCIA |
| | 6. INFANTE EGÍPCIO |
| | 1. TANCAS ISRAELITAS |
| | 2. ARMADILHAS ISRAELITAS |
| | 3. ARTILORIA ISRAELITA |
| | 4. INFANTE ISRAELITA |
| | 5. AVIÃO ISRAELITA |
| | 6. NAVIO ISRAELITA |

0 50 100
 KM

O PROBLEMA PALESTINO

Com o início da Guerra de Independência em 1948 surgiu, além dos problemas já citados antes, um que atualmente se constitui um dos fulcros da dificuldade da obtenção da Paz no Oriente Médio.

Ao início das hostilidades, temerosos das consequências desta guerra milhares de árabes fugiram de Israel e das regiões envolvidas no conflito. Desde de então essas pobres criaturas, juntamente com vagabundos e oportunistas viviam em campos de refugiados mantidos pela ONU mas nas redondezas de cidades e ao longo das fronteiras de Israel. Devido ao seu alto índice de natalidade o número inicial de 650 mil árabes aumentou rapidamente.

De 1948 a 1957 a agência de obras e assistência das nações unidas (UNRWA) gastou cerca de 300.000.000 de dólares para ajudar aos refugiados com alimentos, habitações e assistência médica. Foi proposto a integração desses árabes nos países árabes vizinhos juntamente com a indenização por parte de Israel pela perda de casas e lavouras. Israel estava disposto a aceitar esse acordo tendo inclusive conseguido um financiamento por parte dos EUA para cumprir o acordo.

Os países árabes, no entanto rejeitaram o plano sumariamente, decidido a impedir qualquer plano que pudesse abrir o caminho para paz com Israel. Havia no entanto outro motivo: na medida em que os refugiados permanecessem vivos e miseráveis e amargurados serviu de pretexto para a ação de inescrupulosos políticos nacionalistas árabes,

Israel no entanto estava disposto a garantir a igualdade e os direitos dos árabes que ficassem em Israel. No entanto a repatriação de centenas de milhares de refugiados árabes era completamente diferente. Nos anos que se seguiram ao armistício de 1949 tropas irregulares árabes continuaram se infiltrando em território israelense para ações de pilhagem, sabotagens, incêndios e mortos. / Diante disso a decisão do retorno desses refugiados seria simplesmente uma decisão suicida. Por outro lado todo o espaço não ocupado de terra era utilizado para absorção dos novos imigrantes, sendo que a volta dos refugiados os colocaria em perigo. Foi proposto pelo governo israeli a concessão de compensações aos refugiados desde que se discutisse ao mesmo tempo um trabalho geral de paz, logicamente rejeitado

I INFILTRAÇÃO E SABOTAGEM

A partir de sua precária situação, cada vez mais os refugiados passaram a ser simples joguêtes dos interesses árabes, que os utilizavam como bem o quizessem. A princípio foi simplesmente uma atitude de não aceitação do fato Palestino, sem querer a solução do problema para pressionar o Estado israeli: aos poucos

27
essa situação passiva foi passando para uma mais ativa. Vendo que sua tática inicial não atingira seus objetivos, os governos árabes começaram a icitar esses palestinos a uma tática de luta armada contra Israel.

Assim com as armas fornecidas a princípio pelos próprios árabes foram quando os Fedaym iniciaram as incursões em territórios israelenses. Este fato era facilitado pela forma peculiar das fronteiras de Israel, extremamente extensas (apesar da pequena área) que permitiam a penetração.

Treinados pelo serviço secreto dos países árabes esses grupos foram sendo considerados bons meios de se continuar "a luta árabe contra o inimigo israelense" sem o envolvimento direto. A intensão era a infiltração em Israel sendo que esses grupos deviam permanecer o maior tempo possível até que terminassem as munições e os mantimentos, causando um maior número de danos possíveis.

As infiltrações aumentaram de intensidade às vésperas da guerra de Sinai em 56, quando os árabes decidiram terminar de uma vez com a presença israeli na região, sendo que este constituiu um fator decisivo para o aumento da tensão. Apesar de em 1956 malogro das intensões árabes terem fracassado e das garantias dadas pelas potências ocidentais aos direitos israelis na região, os árabes não desistiram de suas aspirações. Não podendo continuar sua agressão por causa dos acordos de cessação de fogo da guerra do Sinai novamente as atividades dos sabotadores árabes recrudesceram.

A organização dos terroristas foi aumentando sendo que os elementos eram recrutados da população de Gaza e da margem ocidental, tanto dos campos de refugiados como das cidades.

Aos poucos os movimentos terroristas foram ganhando autonomia / própria cada vez mais fugindo ao controle dos governos centrais. Assim a medida que não podiam mais controlá-la os governos árabes (com exceção da Síria) passaram a condenar a ação dos terroristas dizendo prejudicar a imagem árabe e dar / motivos a represálias israelenses.

ORGANIZAÇÕES GUERRILHEIRAS

No entanto às vésperas de 67 novamente a ação dos Palestinos aumentou ao mesmo tempo que o terrorismo seguia seus primeiros passos como arma política. Grupos das mais diversas origens surgiram tendo somente duas coisas: o objetivo destruição do estado de Israel a arma ações terroristas.

Dentre esses grupos temos:

- 1) Mov. de Libertação da Palestina (Al-Fatah)
- 2) Frente Popular de Libertação Palestina
- 3) Org. de Libertação da Palestina
- 4) Vanguarda para a luta de libertação da Palestina
- 5) Frente popular Palestinense
- 6) Setembro Negro

Foi tentada a unificação por Iasser Arafat líder da Al-Fatah, que da mesma forma que a unificação árabe fracassou pela discordância inconciliável de seus membros.

DEPOIS DE 1967

Ao final da guerra pelo menos ficou estabelecido uma coisa: o terrorismo era a melhor arma contra Israel. A partir de então cada vez mais aumentava a atividade terrorista, tanto a intensidade, quanto a "originalidade". Passou-se à tática de atacar os interesses Israelis onde que estes se encontrava.

Seguiu-se então uma sucessão de sequestros aéreos, assassinatos atentados a bomba, tanto em Israel como no exterior.

A atividade dentro de Israel aumentou sensivelmente após a guerra de junho em virtude da anexação dos territórios consequentemente das populações. No início foi difícil o controle da população dos territórios que no início colaborava com os terroristas. Com o processo de integração movido por Israel para as populações árabes decrescem o seu apoio aos terroristas até a completa erradicação do terrorismo organizado dentro de Israel.

ISRAEL FRENTE AO TERRORISMO

Sendo a principal vítima dos terroristas esta claro que teria que fazer todo o possível para extingui-lo e terminar de vez com ele. Enquanto todos os países do mundo cediam sem reagir a chantagem das ações terroristas. Israel sempre se manteve irreduzível neste ponto nunca cedendo as exigencias terroristas e fazendo o máximo possível para salvar réfens ou conseguir resolver o assunto sem ceder ao inimigo. Muitas vezes utilizou de represálias contra os países árabes que ajudavam ao terrorismo ou até mesmo aos próprios terroristas.



Desde o fim da guerra de 1967, o governo de Israel vem desenvolvendo medidas que visam a maior integração das populações árabe e israelen

GUERRA DE IOM KIPUR

ANTECEDENTES DA GUERRA

O estado de exaltação militar criado em torno da vitória, até certo ponto humilhante da Guerra dos 6 dias, deixou na população israeli e em todos judeus da galut uma sensação de invencibilidade e de que calariam a boca dos árabes por um longo espaço de tempo.

A situação de uma certa estabilidade nos "front" depois da guerra de desgaste contribuiu a se acentuar ainda a situação de todo-poderoso Oriente Medio. Entra o ano de 1973 e se pensava, se tinha até certeza que seria de toda tranquilidade, uma ou outra Peolá de terroristas com uma pronta e imediata represália que calaria novamente a boca dos árabes por mais um tempo. O serviço de inteligência, com todos os seus "enviados" apenas noticiava o crescente armamento árabe, o que não dizia nada aos nossos generais.

COMO COMEÇOU

E assim foi até vésperas do dia 6 de outubro, mas mesmo assim o mais despercebido dos cidadãos deverá ter notado, aquela movimentação fora do comum; onibus carregados de cháialim, um tio que foi chamado as pressas, o companheiro de toranut no cheder haochel que não veio isso tudo na madrugada do dia 6, e na manhã do Iom Kipur, os jovens eram tirados de dentro das sinagogas, um acentuado número de carros circulando num dia como aquele.

E as duas horas da tarde daquele fim de jejum do Kipur as rádios repentinamente voltam ao ar, um longo silvo de sirene é ouvido em toda a Mediná: "Infantaria e tanques egipcios cruzaram o canal de Suez, tropas e blindados adentram no Golan" apenas isso noticiavam as rádios.

Até que ponto isso chegaria? Seria apenas uma simples Peolá? A essa altura as convocações das unidades eram constantes, foi dada a ordem de Black-Aut.

A GUERRA

Era a guerra total, no Norte os Sírios eram milhares

e avançavam sobre nossas fortificações,deixando um rastro de sangue.No Suez as portas estavam abertas,na tão decantada linha Bar Lev,haviam pouquíssimos Chaialim,mas mesmo se o número fosse maior,só serviria para aumentar o número de vítimas. Era um avanço maciço sobre as dezenas de pontes lançadas sobre o canal.

Enquanto os esforços não chegavam,os soldados que se encontravam na fronteira resistiam a cada metro de terra,a aviação não podia atuar como das vezes anteriores,pois dessa vez haviam os mísseis SAM ,que atraídos pelo calor das turbinas não davam folga aos Mirage Phantos israelis,e os feitos da aviação dependiam exclusivamente da habilidade de cada piloto.

A noite serviu para arrumar um pouco a casa,tanto é que os egípcios foram contidos no seu avanço a apenas 20 km do seu ponto de partida,e,antes do quarto dia de guerra os sírios já eram combatidos no seu próprio território.

Pouco a pouco os papéis foram se invertendo,mesmo por isso os combates eram cada vez mais sangrentos,na frente síria já se lutava em terras nunca antes pisadas por israelis,

Quase em conjunto com isso,o Tzahal consegue,numa das maiores batalhas já vistas,dividir as tropas egípcias ao meio,avançando ao outro lado do canal,e com isso cercando a 3ª Army egípcia,um exército inteiro nas mãos israelis.Vale se salientar que na batalha citada acima foram gastos, em quatro horas de combate, mais munição do que em tres outras guerras juntas, daí pode-se imaginar o alto teor de ferocidade dos atritos.Conseguindo ultrapassar o canal e chegar a 38km de Damasco, além de conter os egípcios, transformando uma possível derrota catastrófica numa vitória de verdade, uma guerra de verdade, era a vez da ONU por o dedo, prontamente aceito o cessar fogo pelos árabes, que tinham nas mãos de Israel o seu 3º exército, que eram 25000 pessoas sitiadas sem agua nem comida, sabor já sentido pelos russos uma vez,no cerco de Leningrado.

Acima são dados os lances no campo de batalha, não devemos esquecer o que se passou nos bastidores, com a intensidade dos combates travados, as munições de todos os lados foram se esgotando em proporções assustadoras, é aí que entram a Rússia de um lado e os EUA de outro, as pontes aéreas de súper aviões de carga são enviados de ambos os lados em intensidades surpreendentes: aviões,munições, mísseis, peças de reposição chegam e são imediatamente postas em uso.

É nesta hora que o poder econômico que se encontra com os árabes é notado de forma acentuada, um exemplo do medo que é inflingido aos países, os americanos na corrida armamentista foram obrigados a transportar seus aviões diretamente da América, pois não puderam decolar das suas bases na Europa, por sofrerem pressão dos países que se encontravam.

A população judia no mundo se movimentou. Macbit entra em ação arrecada dinheiro fundos, surgem voluntários de todas as partes do mundo judeu, por que todos viraram as costas a Israel sobre a pressão exercida em relação ao petróleo árabe, somente um país manteve-se na sua linha, a Holanda, que apesar dos avisos, corte de combustível manteve-se dentro de sua integridade.

31

As negociações após o cessar fogo marcado para seis e cinquenta do dia 22 só foi obedecido no outro dia, mas o jeito em que foi acertada a interrupção aos combates foi no momento em que Israel se encontrava na ofensiva? A 38 km de Damasco e 75 km do Cairo?

Com o Egito as negociações foram realizadas no km 101 da rodovia Ismalia Cairo com representantes das duas partes e da ONU ficou acertado, em troca da paz, que as forças israelis recuariam até os passos de Mitla e Giddi, além de assinarem um pacto determinando um certo nº de tanques e peças de artilharia, além de militares da força de segurança da ONU, seguindo-se após a troca de prisioneiros.

Esse contacto podemos assim chamar "tete à tete" foi um passo para as primeiras negociações que deverão se desenrolar em Genebra. Quanto às negociações com os sírios, essas custaram até os últimos meses quando depois de de uma longa guerra de desgaste, foi chegado a um acordo de separação de tropas além da troca de prisioneiros, as lunhas demarcadas no tratado, fizeram com que as tropas israelis devolvessem o bolsão ocupado nessa guerra do Iom Kipur, além de uma faixa desmilitarizada na meseta do Golan, sendo uma faixa até Kuneitras considerada desmilitarizada sob o domínio das forças da ONU.

Fica uma pergunta; depois de toda situação de onipotencia no Oriente Médio, qual foi a reação da população?

- O número de vítimas, fez com que o choque causado, assumisse grandes proporções, não que chegasse a impor um estado grande de depressão, mas logicamente que em 2700 mortos, sempre há um parente ou amigo e a notícia do acontecido naturalmente provoca um estado emocional não muito agradável, mas por outro lado amoral nunca esteve por baixo, os cinemas e teatros funcionam normalmente, rádio e TV com programações especiais cada um fazendo com que o outro mantesse a cabeça erguida.

De um modo geral pode-se dizer que o estado da população durante os dias de guerra foram de muito mais otimismo, logicamente por estarem dentro do fogo, quando o estado de beligerância entrou em fase de estabilidade, o povo acordou do pesadelo, ao mesmo tempo coincide com as eleições do Knesset e a população é pressionada por todos os lados com cada corrente partidária, usando os problemas pré e pós guerra como fonte eleitoral.

O resultado disso foi o insucesso do primeiro ministério, provocando a criação de um novo, o qual conta com maioria mínima.